



6. OS BRASILEIROS DA REVISTA *BRASILEIROS*: PLURALIDADE E SINGULARIDADE NARRADAS EM REPORTAGENS

SESSÃO - 04

*Jaqueline Lemos**

Resumo

Neste trabalho procuramos analisar pautas e elementos da narrativa jornalística em reportagens publicadas na revista *Brasileiros* (mensal, editada desde julho/2007). O Editorial do nº 1 registra que a publicação teria “*como foco o Brasil, seus grandes temas, seus grandes desafios e, principalmente, seus habitantes e suas histórias. [...] Como o País, Brasileiros é uma revista plural.*” Em quase três anos, a publicação mostra um jornalismo que vai além dos padrões hegemônicos utilizados na mídia. A revista revela “*uma narrativa ao mesmo tempo complexa, afetuosa e poética*”, como defende MEDINA (2003, pág. 50). Ao romper com o jornalismo reducionista, a *Brasileiros* é capaz de provocar a reflexão, promover solidariedade e instigar a sensibilidade. Ao investir na reportagem e apostar em práticas jornalísticas com cheiro e emoção, a revista nos mostra um país onde a vida pulsa com plenitude e contradições. É um jornalismo que busca a compreensão das dinâmicas da contemporaneidade.

Palavras-chave: reportagem; narrativa; complexidade

Resumen

Este trabajo analiza las puntuaciones y los elementos narrativos de los informes periodísticos en la revista brasileña (mensual, editado desde Julio/2007). El editorial de los primeros discos que la publicación “se centrará en Brasil, sus temas principales, sus desafíos y, sobre todo, su gente y sus historias. [...] ¿Cómo a Brasil, una revista brasileña es plural.” “En casi tres años, la publicación muestra un periodismo que va más allá de las normas hegemónicas utilizados en los medios de comunicación. La revista revela “una narración a la vez compleja, poética y cariñosa”, como se propugna MEDINA (2003, pp. 50). Para romper con el periodismo reduccionista, el brasileño es capaz de provocar la reflexión, promover la solidaridad e inculcar la sensibilidad. Al invertir en la historia y centrarse en las prácticas periodísticas con el olfato y la emoción, la revista nos muestra un país donde los pulsos la vida con la plenitud y contradicciones. Es un periodismo que busca comprender la dinámica de la sociedad contemporánea.

Palabras clave: historia; narrativa; la complejidad

* Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e professora-pesquisadora na Universidade São Judas Tadeu (SP) desde 2002. Concluiu a graduação em jornalismo pela UFG em 1988. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0860419242160160>



Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

Introdução

Por meio desse artigo, buscamos uma reflexão sobre os paradigmas que envolvem a construção das narrativas do jornalismo. Além da análise sobre os paradigmas do jornalismo hegemônico, procuramos reconduzir o foco para observar uma recente experiência jornalística – da revista *Brasileiros* – que exercita um olhar alicerçado na complexidade.

É possível perceber que, sob um novo paradigma, sob uma nova visão de mundo; e a partir pautas e métodos de captação e redação pouco explorados no jornalismo hegemônico, uma revista inserida no mercado editorial tem a possibilidade de ofertar aos seus leitores uma leitura aprofundada do contemporâneo.

A pauta jornalística hegemônica insiste observar a realidade de modo enviesado, fundamentando-se em algumas máximas valorizadas pelo mercado e trabalho e perpetuadas no ensino de jornalismo. É um *modus operandi* alicerçado em padronizações, rotinas produtivistas e em superficialismos que em nada ajudam a desvendar o complexo e o singular. Certamente aqui poderíamos falar de singularidades de complexidades, uma vez que a realidade não cabe em modelos estanques. Entretanto, o jornalismo hegemônico, de forma reiterada, gira em torno de temas convencionais e aborda-

gens nada instigantes.

Reduccionismo x Complexidade

Existe um conjunto de questões que se entrelaçam para reforçar as práticas jornalísticas que resultam numa leitura reducionista da realidade. O mais amplo deles é o que poderíamos chamar de visão de mundo hegemônica na sociedade e, por conseqüência, no jornalismo. De acordo com Morin, essa visão de mundo pode ser compreendida da seguinte forma:

Vivemos sob o império dos princípios da disjunção, de redução e de abstracção, cujo conjunto constitui o que eu chamo de “paradigma da simplificação”. Descartes formulou este Paradigma mestre do Ocidente, ao separar o sujeito pensante (ego cogitans) e a coisa extensa (res extensa), que dizer, filosofia e ciência, e ao colocar como princípio de verdade as idéias “claras e distintas”, ou seja, o próprio pensamento disjuntivo. Este paradigma, que controla a aventura do pensamento ocidental desde o século XVII, permitiu sem dúvida os grandes progressos do conhecimento científico e da reflexão filosófica; as suas conseqüências nocivas só começam a revelar-se no século XX. (MORIN, 1990, pp. 16-17)

Se tomarmos como referência o paradigma da simplificação teremos condições de compreender melhor o longo caminho de conservadorismo e cartesiano que se alicerçou na imprensa e que opera em vários sentidos: na formação do jornalista; na estruturação de rotinas de trabalhos; e no ambiente macro e micro





Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

onde predomina o individualismo; no pragmatismo; no tempo real; na fragmentação do olhar; e na pouca sensibilidade para observar e perceber o diferente.

É nesse contexto que o jornalismo hegemônico atua e constrói seu relato da realidade. Decorrente do modelo cartesiano, essa visão de mundo contribui para as determinações de um *modus operandi* de tal modo que as pautas e reportagens oscilam entre a simplificação/redução (quando se contentam com o relato factual); passando pela pseudo-cientificidade (quando buscam uma explicação “inquestionável” por meio de consultas a “especialistas”); até chegar à glamorização ou espetacularização (quando partem para o exótico, o pitoresco ou a invasão da vida privada).

A visão de mundo cartesiana trouxe para o jornalismo hegemônico um conjunto de valores e técnicas que são reforçadas e dogmatizadas nas redações. Entre esses valores e técnicas, surgidos nos Estados Unidos no fim do século XIX, podemos destacar: o distanciamento do repórter daquilo que ele está apurando; a objetividade; a neutralidade; apuração legitimada em fontes oficiais; a narrativa não cronológica (pirâmide invertida) e a abertura na forma de *lead*. Tais técnicas e visão de mundo prosperaram num contexto histórico no qual o jornalismo dava os passos efetivos para sua consolidação como indústria da

informação. O texto jornalístico ganhou sua forma moderna e o jornalismo transformou-se em negócio. Lage explica bem aquele momento:

O conjunto de técnicas surgido na América terminou sendo o mais adequado para a situação gerada na sociedade industrial madura. Os procedimentos desenvolvidos ali difundiram-se rapidamente por todos os países industrializados, com adaptações às culturas locais. Mesmo os críticos mais veementes do positivismo ou do funcionalismo [...] terminaram adotando as normas básicas da escola americana para a produção de notícias e reportagens jornalísticas. Elas são versáteis o bastante para conviver com diferentes ideologias; [...]. Tomadas como sintagma da modernidade, chegaram ao Brasil meio século depois e levaram mais de duas décadas para se impor (como sempre, não totalmente) aqui. (LAGE, 2001, pp. 19-20)

Hoje, mais de cinco décadas após a chegada das “*normas básicas da escola americana para a produção de notícias e reportagens*”, o jornalismo brasileiro vê-se diante de uma série de questionamentos sobre o papel que tais normas e visão de mundo ainda cumprem na imprensa. Se elas foram “*sintagma da modernidade*”, podem no século XXI também ser “*sintagma*” da pós-modernidade? Acreditamos que não.

Se deslocarmos nossa visão de mundo para o campo da complexidade, tomaremos contato com amplas possibilidades de leituras da realidade que podem alargar a pauta jornalística e dar





Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

condições de experimentação da narrativa. Uma vez que rompe com o pensamento disjuntivo, a complexidade inquieta o pensador e provoca ebulições. Como argumenta Morin:

À primeira vista, a complexidade é um tecido (complexus: o que tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade é efectivamente o tecido de acontecimentos, acções, interacções, retroacções, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomenal. (MORIN, 1990, p. 20)

A importância do olhar complexo do jornalista e do jornalismo é entendido por Medina como uma questão urgente:

Nós, jornalistas, estamos demorando muito para oxigenar nossa mentalidade. A visão com que operamos ao pautar e desenvolver uma pauta tende quase sempre para o enquadramento esquemático do real, a atrofia de sua vitalidade enquanto processo. (MEDINA, 1990, pp. 195-196)

Essa atrofia à qual estamos presos nos tira a possibilidade real de executar nossa missão profissional na sua concepção mais ampla: de que somos mediadores e produtores de sentidos no plano cultural. Como ressalta Medina:

A informação jornalística plenamente humanizada atenderia, pois, a uma demanda complexa: idéias ou conceitos ou diagnósticos, emoções e mitos, comportamentos e estratégias de ação. Uma vez que o jornalista é um mediador-produtor de sentidos, ele capta conceitos, emoções, e

comportamentos da sociedade – a realidade cultural imediata a que está exposto – e os representa na notícia, na reportagem ou em qualquer outra peça jornalística. (MEDINA, 1990, p. 196)

Paralelo às visões de mundo que permeiam também o universo do jornalista, a reportagem representa no jornalismo uma forma de mergulho em realidades cotidianas e de experimentação do que MEDINA chama de desvendamento do real:

O repórter lança-se a uma pesquisa ou ato de decifração possível perante a complexa rede de forças que atua sobre o fato jornalístico (a pauta). Surge então a consciência de que entramos numa especulação ilimitada, um mergulho na verdade de muitas faces, contradições, em que a atuação do jornalismo é sempre relativa, nunca totalmente objetiva, cientificista, como pretendem os clássicos do mito da objetividade.

(MEDINA, 2001, p. 33)

A reportagem – gênero privilegiado

Se a notícia é a matéria-prima do jornalismo, a reportagem pode ser compreendida como o “gênero jornalístico privilegiado” e o “lugar por excelência da narrativa jornalística”, como salientam Sodré e Ferrari¹. Justamente por estar num lugar privilegiado é que a reportagem assume o status de um gênero aberto à experimentação e à exploração dos sentidos. De acordo com Amaral,

A reportagem é a representação de um fato ou acontecimento enriquecida pela





Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

capacidade intelectual, observação atenta, sensibilidade e narração fluente do autor.

Trata-se de uma especialidade a meio caminho entre o jornalismo e a literatura ou já dentro da literatura. (AMARAL, 1997, p. 133)

A definição de Amaral nos abre a possibilidade de ir além das regras objetivas do mundo meramente informativo da notícia. Abre portas para o universo da interpretação. O ato de interpretar exige mais do jornalismo e do jornalista, como aponta Künsch:

O jornalismo interpretativo distingue-se do jornalismo factual pela inclusão de alguns ou de todos os seguintes ingredientes: 1) contextualização do fato ou situação nuclear; 2) antecedentes; 3) suporte especializado; 4) projeção ou possíveis desdobramentos do caso, seu alcance futuro; 5) perfil ou lado da humanização da reportagem. (KÜNSCH, 2000, p. 124)

Por estes ingredientes, não é difícil concluir que elaborar uma reportagem dá trabalho. E muito trabalho. Para o jornalista e para o veículo de comunicação. Apurar e redigir uma reportagem exige tempo, dedicação, paciência, sola de sapato, faro, empenho, reflexão... Além do suor do jornalista, o veículo de comunicação precisa ter disponibilidade de investir em empreitadas deste porte.

Não por acaso a reportagem passou por décadas de ostracismo na imprensa brasileira. Se a revista *Realidade*² é uma referência incontestável, as duas últimas décadas do século XX e a pri-

meira do século XXI foram pautadas por um jornalismo “econômico”. Isto é: de poucas palavras, pouco espaço e pouco investimento. Reportagens, especialmente as de fôlego, praticamente desapareceram das páginas dos jornais diários e foram raleando nas páginas das revistas, com raríssimas exceções.

Talvez por isso, é surpreendente verificar o nascimento de uma publicação como a *Brasileiros*, cujo *slogan* estampado na capa do número 01 dizia: “revista mensal de reportagens”. E nos brinda com uma reportagem principal esmiuçando as facetas das mais variadas formas de preconceito no Brasil ao longo de 14 páginas. Aquela edição nº 01 deixava claro que a revista não fazia jornalismo hegemônico.

A vida que pulsa nas páginas da Brasileiros

Há quase três anos, quando chegou às bancas, o editorial da primeira edição da *Brasileiros*³ (elaborado por Helio Campos Mello) fazia alertas e provocava o leitor:

Brasileiros revista mensal de reportagens, tem como foco o Brasil, seus grandes temas, seus grandes desafios e, principalmente, seus habitantes e suas histórias. Este é seu primeiro número e o início de um trabalho em que a saga dos personagens deste país plural será o alvo de nossos repórteres. Qualquer morador do Brasil, qualquer brasileiro fora do País, qualquer um que tenha uma boa história para contar nos





Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

interessa. Célebre ou anônimo, bonito ou feio, rico ou pobre, alegre ou triste, morador dos Jardins, de Ipanema ou dos gro-tões, conservador ou revolucionário. [...] *Brasileiros*, uma revista que faz questão de ser influente, acredita na busca da eficiência e, principalmente, na possibilidade de ser competitivo sem ser predador. Também crê ser possível recuperar e lutar por valores como ética e justiça social, conceitos que foram banalizados e perderam significado. Vamos fazer jornalismo sem preconceitos, sem arrogância, sem perder o humor e sem constrangimento em demonstrar paixão. [...] (BRASILEIROS, *Editorial*, nº 01, julho/2007)

O editorial e outros textos⁴ da primeira edição revelavam que nascia uma revista com o propósito de olhar para o País de forma singular, inquietante, sem receios de tocar em temas áridos. É preciso muita dose de ousadia para logo de cara estampar na capa a manchete “*Preconceito: uma praga que divide o Brasil*”, com o subtítulo: “*Você conhece este cara? Ele já foi vítima de intolerância*”, destacando a foto do ator Lázaro Ramos. A reportagem de Chico Silva trazia os resultados de uma pesquisa qualitativa exclusiva (parceria entre o IBOPE e a revista), que revelava os meandros das mais diversas formas de preconceito no País.

Sem fazer julgamentos, condenações, o texto articula depoimentos, opiniões (várias fontes tiveram o nome trocado para preservar a identidade) e análises que procuram compreender o fenômeno, como podemos ver no trecho:

Pequena amostra de um gigantesco universo de 189 milhões de habitantes, Andréia, Roberta, Cássio e Vitória provam que, em maior ou menor grau, o brasileiro carrega consigo algum tipo de preconceito, intolerância, incômodo ou estranhamento. Essa é a principal conclusão do estudo *Preconceito, Consciência e (I)Lógica*. [...] A investigação colocou frente a frente algumas dezenas de brasileiros das mais diversas classes sociais, cores, sexos, orientações sexuais e graus de instrução. O objetivo era discutir esse mal silencioso que há milênios torna diferentes aqueles que em tese deveriam ser iguais.[...]

Houve praticamente unanimidade na afirmação de que o Brasil é um país extremamente preconceituoso. Apesar de triste, a constatação foi vista como um avanço. Para combater o mal, primeiro é necessário assumi-lo. A admissão é mais um golpe no que se convencionou chamar de “mito da democracia racial” (SILVA, C. *O preconceito sai do armário*, *Brasileiros*. Edição 01, julho/2007)

Com uma pauta provocativa, a revista sai do lugar-comum. Coloca o dedo na ferida e adota uma postura equilibrada de reflexão e problematização da questão. Não dá respostas prontas, nem julga; mas aponta elementos que ajudam o leitor a compreender melhor situações e comportamentos observados ou vivenciados cotidianamente em todos os cantos do País.

Outra pauta da revista que chama a atenção pelo ineditismo é a reportagem “*Cururu Siriri*”, de Eduardo Hollanda. A revista acompanhou durante três dias o 8º Festival Cururu Siriri de Cuiabá para mostrar uma rica manifestação cultural





Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

secular das populações pantaneiras, mas pouco conhecida. O repórter descreve:

O espetáculo é muito diferente do que a maior parte dos brasileiros está acostumada. Enquanto no Cururu o espetáculo é mais intimista, com grupos de até 20 cururueiros (como se chama quem executa o gênero musical), formando um círculo no meio do grande palco, no centro da arena, como se estivessem em um quintal ou em uma clareira à beira do rio, o Siriri agita a plateia. Os grupos, com a média de 50 integrantes, têm enredo e incorporam personagens do folclore da região, como o Boi à Serra. A apresentação começa com uma procissão, ao som de músicas cantadas em missa, e entra no palco o santo padroeiro ou o homenageado. [...]

Com variações, dependendo do enredo de cada grupo de Siriri, o espetáculo se repete a cada nova apresentação. E sem competição classificatória, apenas pelo prazer de cantar, dançar e agradar. “Acho maravilhoso que no festival não existam mais notas e classificação. Assim, todo mundo pode se apresentar de maneira mais bonita e alegre”, afirma Matilde da Silva, 55 anos, que dança Siriri “desde quando nasceu”. (HOLLANDA, E. *Cururu Siriri*. Brasileiros. Edição 27, outubro/2009)

Novamente um tema que não tem visibilidade no jornalismo hegemônico. Um tema que busca revelar “as pluralidades” do Brasil e destacar um evento que reúne os participantes pelo “prazer”, sem o intuito de incentivar a competição. É um olhar singular como a revista se propôs desde seu nascimento.

A cada edição da revista o leitor pode encontrar perfis de brasileiros de todos os tipos, com ricas histórias de

vida. Uma reportagem que destacamos é a “O homem-livro”, de Lina Albuquerque. O texto traz a história de um pedreiro sergipano, alfabetizado aos 18 anos, que descobriu o amor pelos livros e agora monta bibliotecas. Vejamos um trecho:

Desde que começou a ler, a vida de Evando passou a ser rodeada não apenas de clássicos e cordéis, mas de todo o tipo de livro. Na sua pequena casa na Vila da Penha, bairro carioca onde nasceu o jogador Romário, há livros por todos os cantos. Os móveis parecem servir apenas de suporte para as pilhas de volumes. Elas vão se acumulando pela sala, corredor, cozinha. Até o colchão, espremido no quarto que divide com a mulher, a professora Maria José, tornou-se um objeto, à primeira vista, fora de lugar.

Os livros não param de chegar desde o dia em que, 11 anos atrás, Evando saiu para consertar um vazamento e voltou para casa carregando cerca de 50 títulos que estavam sendo jogados fora pelo sujeito que o contratou. O sergipano tomou gosto. Passou a pedir outros livros para ler e depois distribuí-los a quem quisesse ou encontrasse pela rua.

Foi assim que a casa onde morava com a mulher e a mãe, que faleceu em julho, tornou-se uma biblioteca comunitária, com horários e regras bem diferentes. Ela jamais fechava - nem aos domingos. Muitos livros emprestados, nem precisavam ser devolvidos. “Se o leitor se encanta com uma obra a ponto de querer tanto, que fique com ela. A leitura cumpriu assim o seu papel”, filosofa. (ALBUQUERQUE, L. *O homem-livro*. Brasileiros. Edição 29, dezembro/2009)

O perfil de Evando é parte da “*saga dos personagens deste país plural*” como lembra o Editorial do primeiro número da revista. Sejam pedreiros, cos-





Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

tureiras, donos de restaurantes, políticos, escritores, professores, atores, músicos, empreendedores, sonhadores... Há quase três anos, a *Brasileiros* procura mostrar a diversidade de um país para seus leitores. A revista busca fazer um jornalismo complexo, portanto singular e plural. É uma curta experiência, mas já faz história.



Referências bibliográficas

- AMARAL, Luiz. *Jornalismo: matéria de primeira página*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- FARO, J. S. *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Editora Ulbra/ AGE Editora, 1999.
- KÜNSCH, Dimas A. *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LEMOS, Jaqueline. *O discurso nu – um breve ensaio sobre os campos de interferência nas narrativas da contemporaneidade*. São Paulo: Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu. *Revista Integração – Ensino, Pesquisa, Extensão*, Ano XIII, abr./mai./jun.2007, n 49, São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 2007, pp. 135 -138.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo, Ática, 1986.
- _____. *Notícia, um produto à venda - Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial*. São Paulo: Summus, 1988.
- _____. *Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade in: A crise dos paradigmas*. São Paulo: ECA/USP, 1990.
- _____. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX - O Espírito do Tempo: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- _____. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- PEREIRA JR. Luis Costa. *Guia para a edição jornalística*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- RESTREPO, Luis Carlos. *O Direito à ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem - notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

Seleção de textos publicados na Revista Brasileiros

- ALBUQUERQUE, Lina. *O homem-livro*. São Paulo: Brasileiros Editora. Edição 29, dezembro/2009.
- HOLLANDA, Eduardo. *Cururu Siriri*.





Tecnologia e estruturas de Produção Cultural na América Latina

São Paulo: Brasileiros Editora. Edição 27, outubro/2009.

MELLO, Hélio Campos. *Editorial*, São Paulo: Brasileiros Editora. Edição 01, julho/2007.

SILVA, Chico. *O preconceito sai do armário*, São Paulo: Brasileiros Editora. Edição 01, julho/2007.

Notas

¹ In: *Técnica de reportagem, notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

² A *Realidade*, mensal, foi uma publicação da editora Abril. A revista começou a circular em 1966 e sua última edição foi em 1976, com uma tiragem de 120 mil exemplares. É reverenciada como uma das mais exitosas experiências do jornalismo brasileiro moderno pela inovação, ousadia e experimentação no campo da reportagem.

³ A revista *Brasileiros* circula desde julho/2007. É uma publicação mensal da Brasileiros Editora Ltda, com sede em São Paulo. Em março de 2010, a edição nº 32 registrava no expediente a tiragem de 30 mil exemplares.

⁴ No site da revista <http://www.revistabrasileiros.com.br> é possível acessar todos os textos integrais já publicados na versão impressa da revista.

